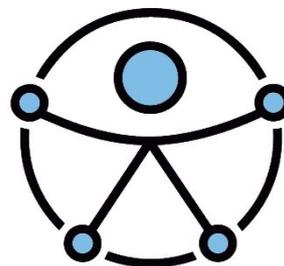


Página 2



Orientações para os agentes culturais e fazedores de cultura como forma de garantir a inclusão e o protagonismo de pessoas com deficiência e dos migrantes internacionais nos projetos culturais, nas atividades Artísticas e culturais, nos serviços e produtos culturais, nos espaços públicos, nas análises, avaliações e demais instrumentos de fomento cultural.





Página 7

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO - 8

1. O CAPACITISMO E A XENOFOBIA - 11

2. ACESSIBILIDADE - 15

3. PROTAGONISMO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA - 19

4. ORIENTAÇÕES GERAIS E AUXÍLIO - 21

5. MIGRANTES INTERNACIONAIS - 31

APRESENTAÇÃO

Meus manos e manas, todos nós já sabemos que todo e qualquer projeto cultural deve garantir a acessibilidade universal aplicada à linguagem de suas produções. É lei e deve ser cumprida.

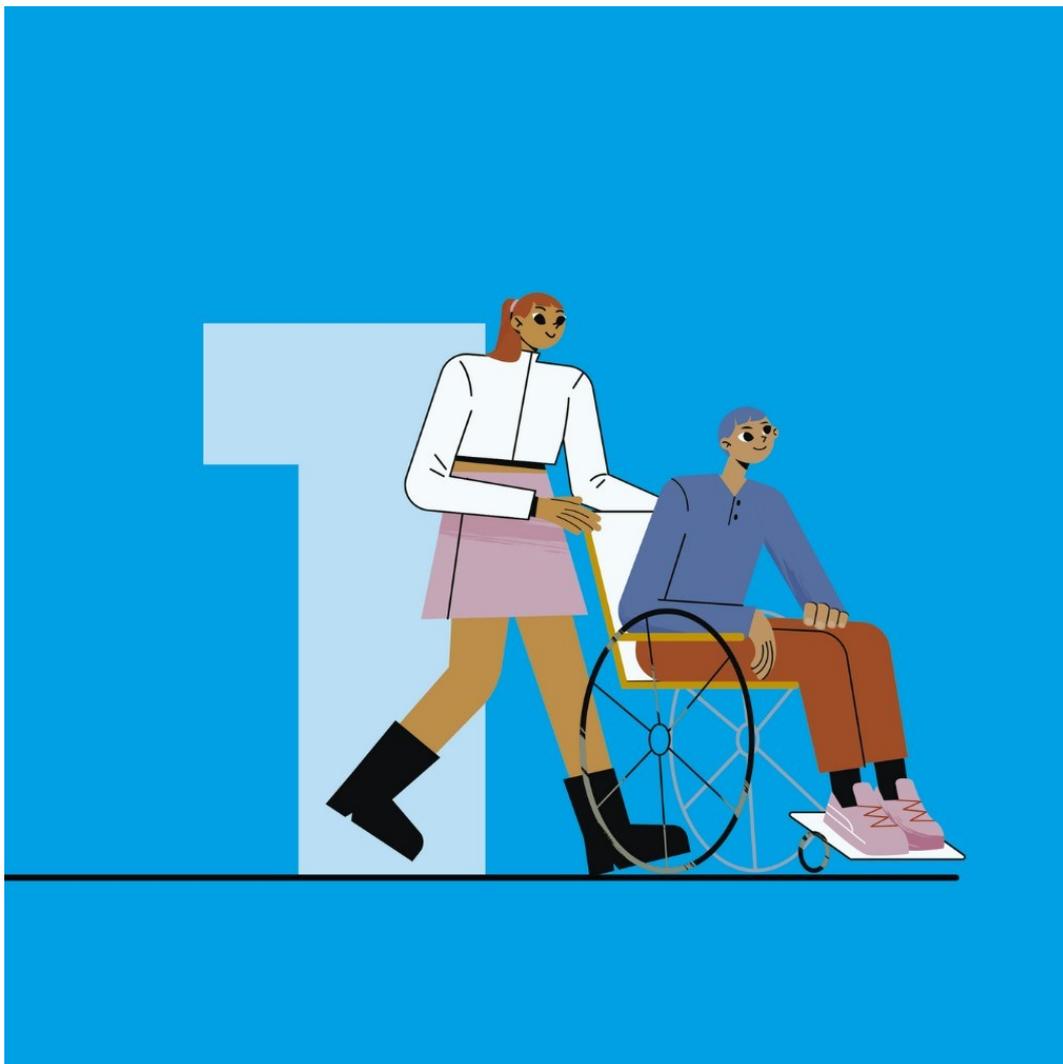
Espia a Lei Nacional nº 13.146/2015, a Lei Brasileira de Inclusão, também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência e definição de Acessibilidade Cultural, e o Decreto nº 43.811, de 05 de outubro de 2022, que institui a Política Cultural de Acessibilidade no âmbito da gestão pública cultural do Distrito Federal e regulamenta a Lei Distrital nº 4.142, de 05 de maio de 2008, que dispõe sobre a reserva de cota da programação de eventos culturais promovidos pelo Governo do Distrito Federal para apresentação de artistas locais. A garantia do usufruto e da produção cultural por pessoas com deficiência é exigência legal e urgente.

Temos também a Portaria interministerial nº 46/2024, que trata da autorização de residência e proteção de migrantes em situação de vulnerabilidade, instrumento normativo assinado pelo Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP) e pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). E a Lei Estadual nº 9.662, de 12 de julho de 2022, que institui a Política Estadual para Migrantes, Solicitantes de Refúgio, Refugiados e Apátridas no Pará.

Este guia prático foi produzido a partir de encontros entre a Secult, agentes culturais, instituições, comissões e pessoas com deficiência chamadas para construir um caminho de orientações aos agentes e fazedores de cultura que elaboram, executam, avaliam e fiscalizam políticas públicas de cultura. Então, agora é hora de arregañar as mangas e partir para a prática da ampliação e fortalecimento dos direitos das pessoas com deficiência e dos migrantes na área cultural do nosso Pará.

Propusemos a ampliação da discussão do assunto “acessibilidade e inclusão” em atividades e produtos culturais para juntos construirmos uma direção que, tanto na elaboração quanto na execução dessas atividades culturais, os aspectos de acessibilidade e da inclusão sejam garantidos, conforme o público de pessoas com deficiência e migrantes.

Para seguirmos, vale a pena refletir: tu sabes qual é a maior barreira para a pessoa com deficiência e para o migrante no acesso aos bens, serviços e ações culturais? O capacitismo e a xenofobia. Já ouviste falar sobre esses conceitos? Não?! Então vem com a gente...



CAPÍTULO 1

O CAPACITISMO E A XENOFOBIA

A falta de acessibilidade para que todas as pessoas tenham independência e autonomia e possam usufruir dos conteúdos culturais e das oportunidades de protagonismo nas ações culturais está fortemente ligado ao capacitismo. Para entendermos onde está atrelado o preconceito contra as pessoas com deficiência precisamos conhecer melhor esse conceito.

Capacitismo é o nome da opressão que pessoas com deficiência sofrem e que está diretamente ligada à relação de suas singularidades (corporal, neurocognitiva e sensorial), ou seja, uma sociedade capacitista cria imaginários negativos sobre o corpo da pessoa com deficiência, afastando essas pessoas das potencialidades criativas e de existência.

O capacitismo é bem complexo e articulado, pois além de atuar sobre o imaginário ele também está no cotidiano, nas cidades sem acessibilidade, nos espaços culturais, na falta

de protagonismo das pessoas com deficiência, nos diversos setores da sociedade, entre muitos outros.

Página 12

Na cultura, por exemplo, o capacitismo está presente quando as ações e projetos não englobam as pessoas com deficiência, seja na sua produção como trabalhadoras e trabalhadores do setor cultural ou como consumidores de cultura; seja na ausência de recursos que permitam que as pessoas com deficiência possam se sentir parte e pertencentes à linguagem artística dos projetos culturais.

A pessoa com deficiência deve necessariamente fazer parte do seu projeto como uma folha indivisível e inseparável. A acessibilidade deve estar inserida como parte integrante do seu fazer artístico, e não somente em dias limitados voltados para esse público.

A xenofobia, por sua vez, caracteriza-se pela prática discriminatória sobre pessoas vindas do exterior para o nosso país. A xenofobia é um crime previsto na Lei nº 9.459/97, no Art. 140, que define o crime como resultante de preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional, com pena de reclusão de 1 a 3 anos. Os migrantes são as maiores vítimas da xenofobia por enfrentarem barreiras de comunicação e questões culturais. As desigualdades sociais, a escassez de recursos, a crise econômica, a instabilidade política e a falta de oportunidades no mercado formal de trabalho aprofundam essas violações de direitos.

Por isso a importância de sensibilizar as produções artísticas e culturais com locais para inserção dessas pessoas nas atividades, tanto como fazedores de cultura (que também são) como consumidores de cultura.

Página 13

Mas como se faz isso na prática? A seguir, vamos pensar o que é e quais acessibilidades podemos utilizar nas nossas linguagens culturais.

INFORMAÇÕES IMPORTANTES TERMINOLOGIA ADEQUADA

Deve ser usado o termo: **pessoa com deficiência**, de acordo com o movimento Internacional de Inclusão Social, a LBI – Lei Brasileira de Inclusão de 2015 e a Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência da ONU, de 2006. A sugestão seria utilizar a deficiência específica, por exemplo: pessoa cega, pessoa com baixa visão, pessoa com visão monocular, pessoa surda, pessoa com deficiência auditiva, pessoa com surdocegueira, pessoa com deficiência física neuromotora, pessoa com mobilidade reduzida, pessoa com transtorno do desenvolvimento intelectual, pessoas com transtorno do espectro do autismo. Evite o uso de siglas ao se referir a uma pessoa com deficiência, a fim de não causar possíveis desconfortos. Deve ser usado o termo: Migrante, para as pessoas que adentram o nosso território nacional ou estadual. Evitando-se o termo estrangeiro.



CAPÍTULO 2

ACESSIBILIDADE

A acessibilidade é caracterizada pela ausência de barreiras. Barreiras são dificuldades que as pessoas encontram nos processos de interação e que não conseguem suplantam com **autonomia e independência**.

É necessário que as fazedoras e os fazedores de cultura compreendam que são as barreiras da sociedade, e não no corpo, que reside o problema. **Para eliminar as barreiras é preciso construir projetos que pensem a acessibilidade e inclusão como parte constitutiva e orgânica do fazer cultural.**

Há sete dimensões da acessibilidade, são elas: atitudinal, arquitetônica, comunicacional, metodológica, programática, instrumental e digital.

AUTONOMIA: É a capacidade de gerenciar-se, tomar decisões e planejar seus objetivos.

INDEPENDÊNCIA: É a capacidade de realizar suas atividades do dia-a-dia sem precisar da ajuda de terceiros.

Página 16

A. ACESSIBILIDADE ATITUDINAL

É a ausência de atitudes preconceituosas e capacitistas. Por exemplo: Nunca usar frases como “Nem parece que você tem deficiência”. Ao receber uma pessoa com deficiência, pergunte a ela quais as formas mais adequadas para a sua autonomia naquele momento. Com o migrante internacional, pergunte qual o idioma que ele compreende.

B. ACESSIBILIDADE ARQUITETÔNICA

É a ausência de barreiras nos espaços físicos, tais como teatros, museus, pontos de cultura, praças, ruas e etc.

Deve-se conceber espaços fundamentados nos princípios do desenho universal (concepção de espaços que podem ser utilizados por uma variedade de pessoas, sem a necessidade de adaptações), como: palcos com rampa, caminhos com sinalização, piso tátil, piso aderente, corrimão, portas com sensores, cadeiras com dimensões universais.

C. ACESSIBILIDADE METODOLÓGICA

Ausência de barreiras nos métodos e técnicas que você vai utilizar para conceber os projetos artísticos e culturais. O foco é a criação de metodologias e recursos para a inclusão, a exemplo: inserir uma pessoa com deficiência para prestar consultoria em acessibilidade e inclusão no projeto.

Página 17

D. ACESSIBILIDADE INSTRUMENTAL

É a ausência de barreiras nos instrumentos, utensílios, ferramentas e objetos de trabalho, estudo e lazer, que pode ser a utilização de vários modelos de microfone (lapela, sem fio e pedestal).

E. ACESSIBILIDADE PROGRAMÁTICA

É a ausência de barreiras nas normativas, nos editais, nos regulamentos, nos ofícios circulares, entre outros. Os editais de incentivo à cultura devem garantir que a pessoa com deficiência esteja presente em todas as etapas da cadeia produtiva da cultura.

F. ACESSIBILIDADE NAS COMUNICAÇÕES

É a ausência de barreiras na comunicação inter e intrapessoal. Exemplo: fazer uso da linguagem simples, uso de língua de sinais, a presença de intérprete de libras e audiodescrição de imagens, filmes, fotografias e eventos em geral, bem como os idiomas para dar acesso aos migrantes internacionais.

G. ACESSIBILIDADE DIGITAL

É a **ausência de barreiras nos diferentes tipos de tecnologias digitais**. A acessibilidade digital permeia como ferramenta atitudinal, arquitetônica, metodológica, instrumental, programática e comunicacional.

Página 18



Página 19

CAPÍTULO 3

PROTAGONISMO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

- Garantir a **inclusão profissional**, possibilitando que artistas, consultores, educadores, produtores culturais e outros colaboradores com deficiência integrem os projetos de forma remunerada.
- Fomentar a participação, colaboração e representação nos projetos culturais por meio da proposição de conselhos e comitês inclusivos; residências artísticas, culturais e educativas; eventos que discutam a temática da acessibilidade cultural e outras oportunidades de participação.

- Assegurar a representação de pessoas com deficiência na temática dos projetos culturais, possibilitando a sua contribuição social nos processos históricos e no desenvolvimento da sociedade atual nas mais diversas esferas da vida. Assegurando que estes tenham lugar de fala desde a criação e implementação do evento ou quaisquer atividades culturais. Buscando assim garantir efetivamente a inclusão e participação das pessoas com deficiência.

Página 20



Página 21

CAPÍTULO 4

ORIENTAÇÕES GERAIS E AUXÍLIO

- De modo algum devemos generalizar as especificidades, os comportamentos, reações, atitudes, habilidades e as ideologias das pessoas com deficiência, pois cada um tem sua singularidade.
- Respeite a autonomia da pessoa com deficiência; antes de ajudar pergunte se o auxílio é necessário.

- Comunique-se diretamente com a pessoa com deficiência. Solicite auxílio do acompanhante somente quando necessário.
- Garanta que sua equipe seja qualificada para executar um evento acessível. Inclua no planejamento os treinamentos adequados para evitar atitudes capacitistas.
- Nos materiais de comunicação digital é muito importante ter o espaçamento e a pontuação correta, para que o sistema leitor de tela expresse exatamente a emoção na fala.
- Temos que naturalizar a pessoa com deficiência nos espaços artísticos e culturais, garantindo ambientes confortáveis e seguros para todos.
- O evento deve ser **acessível para todas as pessoas e não para um público específico.**
- Frente a um obstáculo que não consiga transpor, solicite ajuda qualificada como brigadistas.

Página 22

A. ACESSIBILIDADE PARA PESSOA COM DEFICIÊNCIA FÍSICA NEUROMOTORA E PESSOA COM MOBILIDADE REDUZIDA

- Tenha na sua equipe técnica uma pessoa usuária de cadeira de rodas, que seja responsável por identificar todos os obstáculos no trajeto desde a entrada geral do público até o acesso a todos os lugares como palco, camarins, coxias, banheiros, lanchonetes, saídas de emergências, salas vip e áreas reservadas para usuários de cadeira de rodas ou equipamentos de locomoção.
- Basear-se na NBR9050 para construção de rampas, maçaneta acessível, porta, catraca, palco, cadeiras, espaçamento entre as cadeiras, áreas para manobras de cadeira de rodas, etc.

NORMA BRASILEIRA 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos.

- Falar sempre de frente para a pessoa. Em casos de conversas longas, sentar-se na mesma altura dela.
- Em situação de acidente com a pessoa com deficiência, se ofereça para auxiliá-la e chame imediatamente a equipe qualificada para prestar os primeiros socorros.
- Para contratar pessoas com deficiência física neuromotora e pessoa com mobilidade reduzida, procure as associações e/ou coletivos na sua cidade.
- Palavras como correr e andar podem ser usadas normalmente.

Página 23

B. ACESSIBILIDADE PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA E SURDOS

- É importante saber que a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, reconhece a LIBRAS como meio legal de comunicação e língua oficial das comunidades surdas brasileiras.
- Contratar intérpretes de Libras qualificados pela Lei nº 12.310, de 1 de setembro de 2010, que regulamenta o exercício da profissão e a formação do mesmo.
- Não grite. Não precisa alterar o volume de voz
- Ao falar com a pessoa, fique de frente de modo que ela veja seus lábios e possa fazer a leitura labial.

- Ao receber um grupo, pergunte qual a melhor maneira de se comunicar, se em Libras ou leitura labial.
- Em qualquer situação, dirija-se à pessoa, não com o intérprete e/ou acompanhante.
- Identifique a necessidade de um intérprete de Libras na inscrição das atividades artísticas e culturais ou disponibilize intérprete de Libras em todas as atividades do projeto ou inclua esse na equipe geral.
- Lembre-se que interpretar envolve um ato cognitivo-linguístico. Exige um esforço mental e físico, logo é preciso ter no mínimo dois intérpretes revezando a cada 20 minutos de interpretação
- Saiba que a língua de sinais não é exatamente como a língua Portuguesa. A língua de sinais é visual-espacial e a língua portuguesa é oral-auditiva. Ambas possuem estrutura gramatical própria.

Página 24

C. ACESSIBILIDADE PARA PESSOA CEGA, PESSOA COM BAIXA VISÃO E PESSOA COM VISÃO MONOCULAR

- Em apresentações, palestras e cursos, primeiro fale sem o auxílio de microfone para que a pessoa cega tenha a localização espacial de onde você está.
- Apresente-se ou identifique-se para que a pessoa saiba com quem está falando.
- Faça sua audiodescrição identificando suas características físicas, roupas e os acessórios utilizados.
- Se disponibilize para guiar a pessoa, mas antes pergunte qual a maneira mais adequada para guiá-la.
- Atente-se, pois algumas pessoas com baixa visão preferem caminhar sem segurar o braço do guia.
- Jamais segure na roupa, na bengala ou no cão guia para guiar pessoas com deficiência visual.

A bengala é um recurso de orientação e mobilidade para pessoas com deficiência visual. Como as pessoas podem ter variados graus de visão residual, a bengala costuma ser utilizada em três cores diferentes: Bengala Branca: identifica pessoas cegas; Bengala Verde: sinaliza pessoas com baixa visão; Bengala Branca e Vermelha: indica pessoas surdocegas.

- Ande um passo à frente da pessoa cega e avise acerca de obstáculos e mudanças de rota.
- O guia deve ajustar seus passos aos da pessoa guiada.

Página 25

- Sinalize verbalmente mudança de ambientes.
- Avise se existem outras pessoas no local, quantidade e características (homens, mulheres, crianças)
- Quando necessário, avise o que está fazendo ou o que irá fazer.
- Ao orientá-lo, use a referência dele como ponto de orientação: “à sua direita”, “à sua frente”.

- Palavras como “ver e olhar” podem ser usadas normalmente.
- Descreva imagens e recursos visuais com detalhes importantes.
- Comunicar sobre passagens estreitas e a necessidade de mudança de posições.
- Ao oferecer uma poltrona ou cadeira, solicite permissão e coloque a mão da pessoa sobre o encosto ou assento. Comunique se a cadeira for de rodinhas segurando-a.
- Em escadas, posicione a mão da pessoa no corrimão e posicione-se à frente na descida e atrás na subida.
- Use piso tátil para identificar os espaços seguros de circulação.
- Em 2021, o presidente aprovou a Lei de nº14.126/21, que garante às pessoas com visão monocular os mesmos benefícios e direitos das pessoas com deficiência.
- As medidas de acessibilidade devem prever espaço livre para trânsito e dependendo do grau de baixa visão precisará de suporte de atendente.
- Se você for guiar a pessoa por uma exposição de arte, tenha conhecimento das técnicas, instrumentos usados, descreva as imagens e recursos visuais com detalhes importantes.

Página 26

- A pessoa com deficiência visual tem permissão para entrar em qualquer lugar acompanhada do cão-guia.

O cão-guia é um animal adestrado para desempenhar a função de guia de forma segura, promovendo a independência e inclusão social. Nunca fale ou toque um cão-guia, ele está trabalhando! Em horário de descanso do animal, pergunte ao tutor se pode tocar no cão. O cão-guia só recebe instruções de seu tutor e/ou treinador.

D. ACESSIBILIDADE PARA PESSOAS COM SURDOCEGUEIRA

- Para o primeiro contato, busque identificar qual o sistema de comunicação que pode ser usado.
- Usam sistemas de comunicação, produtos e serviços de tecnologia assistiva hápticos e multissensoriais: Tadoma, Libras Táteis, Libras ou fala aproximada, Braille ou escrita na mão, Textos Braille, Linha Braille, Estenotipia Braille.

Método Tadoma Consiste na percepção da língua oral emitida, mediante uso de uma ou das duas mãos da pessoa com surdocegueira utilizando geralmente o dedo polegar, colocado suavemente sobre os lábios e os outros dedos mantidos sobre a bochecha, a mandíbula e a garganta do interlocutor

- Raramente saem de casa sozinhos. Normalmente estão acompanhados de guias e intérpretes – profissional, familiar ou amigo responsável pela orientação espacial e comunicação.

Página 27

E. ACESSIBILIDADE PARA PESSOAS COM TRANSTORNO DO DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL

- O tratamento da pessoa com transtorno do desenvolvimento intelectual deve ser de acordo com sua idade cronológica.
- Priorize falar diretamente com a pessoa!
- A comunicação deve ser objetiva.
- Repassar uma informação de cada vez. É importante se adequar ao tempo de resposta da pessoa. Se necessário, reformular a mensagem.
- Caso você não compreenda alguma informação durante o diálogo, peça para repetir.

F. ACESSIBILIDADE PARA PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO – TEA

- Utilize uma comunicação objetiva e assertiva e, se necessário, a comunicação aumentativa alternativa como recurso.
- Ofereça recursos e produtos de tecnologia assistiva (como óculos, abafadores, viseiras, engrossadores de lápis/ caneta, prancha/cards de comunicação aumentativa alternativa).
- Reserve um espaço sensorial (a exemplo de uma sala) que seja um ambiente acolhedor, com diminuição de estímulos auditivos, visuais, olfativos e de circulação de pessoas.
- Certifique-se que esse espaço ofereça acesso a recursos e produtos de tecnologia assistiva, assim como materiais de regulação emocional (como: colchonete, cubo mágico, pop- it, spinner).

Página 28

- Ofereça pistas visuais acessíveis para facilitar a comunicação como placas de sinalização e localização.
- Não force diálogos/interações, mas lembre-se de sempre deixar o seu suporte disponível, informar a disponibilidade de recursos e serviços de acessibilidade, deixando a programação do evento o máximo previsível para a pessoa.
- Para a higiene pessoal e limpeza de ambientes, evite usar produtos em excesso (muito aromatizados como perfumes, sabonetes, vaporizadores, sprays, etc).

ESPAÇO SENSORIAL: São espaços elaborados para oferecer estímulos controlados e ajudar na regulação sensorial, especialmente para pessoas com autismo ou outras condições sensoriais. Aqui estão alguns exemplos de pistas visuais: iluminação ajustável; elementos visuais estimulantes; áreas de descanso visualmente agradáveis; quadros de comunicação visual; zonas de atividades visuais; espaços de autoregulação visual.

PISTAS VISUAIS: Para pessoas autistas, as pistas visuais podem ser ferramentas importantes para ajudar na comunicação, na compreensão do ambiente e no processamento de informações. Um mapa visual nos espaços pode beneficiar uma pessoa autista por mostrar a disposição do local, incluindo banheiros, áreas de descanso, locais de shows, das oficinas, palestras, lanchonetes, lojas e saídas de emergência. Isso pode ajudar a pessoa a se orientar e se sentir mais confortável no ambiente.

Página 29

COMO AUXILIAR EM CASO DE CRISE?

- Mantenha a calma e se comunique de forma objetiva e assertiva com a pessoa em crise. Caso esteja acompanhada, verifique com a pessoa qual a melhor forma de ajudar e acione o especialista contratado.
- Cada pessoa apresenta crises e estratégias para sair delas de forma individual. Normalmente, as crises sensoriais são manifestadas em meltdown (crises mais explosivas, agitação motoras, choros, gritos, etc) ou em shutdown (crises mais introspectivas, paralisantes, lentidão motora, isolamento, não verbalização, etc). Ambas comunicam a mesma coisa: estou em crise e preciso ser retirado(a) deste ambiente!
- Quando em ambientes públicos, evite que ocorra aglomerações próximas a pessoa que está em crise sensorial.
- Quando necessário, peça permissão antes de tocar na pessoa e a informe previamente (assim como aos acompanhantes) sobre possíveis aproximações e toques físicos.
- Evite fazer muitas perguntas para a pessoa em crise. Neste momento a pessoa se beneficia de perguntas mais diretas e com opções oferecidas como perguntas que possa responder SIM ou NÃO, ou que possa escolher entre A ou B.
- Evite prolongar o contato físico quando a pessoa estiver em crise, amenos que seja solicitado.
- Garanta a integridade física da pessoa em todas as situações, assim como de outras pessoas que estejam no ambiente. Caso necessário, é prudente realizar contenções de emergência e similares.

Página 30



Página 31

CAPÍTULO 5

MIGRANTES INTERNACIONAIS

Não podemos falar em inclusão se deixarmos de fora migrantes. O Pará tem sido rota de destino e de trânsito para outros estados por muitos migrantes internacionais, inclusive indígenas venezuelanos da etnia Warao. É necessário que todos os materiais escritos sejam em vários idiomas (inglês, espanhol, francês) para que os migrantes compreendam.

Hoje, são milhões de pessoas deslocadas ou em deslocamento no mundo; pessoas fugindo de guerras, da fome e de graves violações de direitos humanos em seus países, que vêm em busca de refúgio e autorização de residência. E milhares dessas pessoas, de diversas nacionalidades, escolheram o Brasil para viver. Uma das características do povo brasileiro, e em especial do povo do Pará, é o acolhimento.

Um dos desafios que se impõe, e que exige um esforço coletivo, é a inclusão dessa população nas políticas públicas já existentes como de trabalho, assistência social, educação, saúde e habitação. O movimento de migração é crescente e precisamos estar preparados para acolher com dignidade essas pessoas com ações inclusivas.

Página 32



SECRETARIA DE CULTURA



GOVERNADOR DO ESTADO DO PARÁ Helder Barbalho

VICE-GOVERNADORA DO ESTADO DO PARÁ Hana Ghassan Tuma

SECRETÁRIA DE ESTADO DE CULTURA Ursula Vidal

SECRETÁRIO ADJUNTO Bruno Chagas

DIRETOR DE CULTURA Luiz Maria Soares Junior

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO CULTURAL DO PARÁ Thiago Farias Miranda

PRODUÇÃO EXECUTIVA

ORGANIZADORAS Gláfira Lôbo Márcia Yamada

REVISÃO Lorena Saraiva da Silva Quezia Dias

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO Bruno Mateus Pereira Lima

AUDIODESCRIÇÃO (AD) Joana Martins Lângela Carmo

CONSULTORIA EM AUDIODESCRIÇÃO (AD) Jordan França Socorro Lima

IMPRESSÃO EM BRAILLE Biblioteca Pública Arthur Vianna Fundação Cultural do Pará - FCP

ILUSTRAÇÕES Freepik

COLABORADORES: Adeline Oliveira; Aguinaldo Barros; Amanda Barros; Ana Catarina Miranda; Andréa Miranda; Arlete Marinho Gonçalves; Clarice Bittencourt; Cleber Couto; Clóvis Martins; Daniele Nogueira; Denise Costa; Diogo Lira; Elizama Pereira; Emily Costa; Enfermeira Nazaré; Fabíola Negreiros; Gemille Sales; Gisele Costa; Hellen Raiol; Heraldia Ferreira; Irmã Elizete Dourado; Isabelle Andrade; Jefferson Nascimento; João Albuquerque; José Monteiro; Keké Bandeira; Louise Escocio; Lucas Martins; Marco Antônio Mabac; Matheus Sousa; Odilene Andrade; Raimundo Cleber Couto; Roberto Lima; Sarah Arcângella; Yasmin Klautal; Ybyrá Sousa; Ynis Ferreira.

INSTITUIÇÕES COLABORADORAS: Amanda LeLibras; APAE Belém; Coletivo Arte Expressa; Def CRESS/ PA – Comitê Anticapacitismo; Espaço ARIMA; Frente Nacional das Mulheres com Deficiência

IFPA - Núcleo de Tecnologia Assistiva – NAT; Instituto Felipe Smaldone; LINK Soluções Comportamentais; RAAFA Pará - Rede Adventista de Apoio à família autista

SEDUC - Coordenadoria de Educação Especial do Pará; SEJU - Grupo de Trabalho de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas e Promoção da Migração Segura; SEMEC - Centro de Referência em Inclusão Educacional Gabriel Lima Mendes (CRIE)

UEPA – CUMA Projeto Lamparina Acesa Literatura Acessível UFPA - Coordenadoria de Acessibilidade (COACCESS) da Superintendência de Assistência Estudantil (SAEST), UFRA - Núcleo Amazônico de Acessibilidade, Inclusão e Tecnologia (ACESSAR).





FUNDAÇÃO
CULTURAL
DO ESTADO
DO PARÁ

SECRETARIA DE
CULTURA



GOVERNO DO
PARÁ

